



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.



CF1009.795.1c

I – APRESENTAÇÃO

Em 2010, uma parceria resultante de um protocolo firmado entre o Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões e a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, resultou em uma candidatura a um projecto de investigação a que demos o nome de DigiTile: *Biblioteca de*

Azulejaria e Cerâmica on line, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia em 2011.¹

À época da candidatura, os objectivos principais da equipa foram o de estudar e divulgar o imenso espólio documental, fotográfico e gráfico que Santos Simões havia produzido enquanto coordenador da Brigada de Estudos de Azulejaria (1958-1969). Contudo, esse trabalho maior de divulgação (objectivado pela aquisição de uma Biblioteca Digital) passaria, em primeiro lugar, por

¹ Susana Varela Flor é investigadora integrada no Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Todas as imagens publicadas neste texto pertencem à Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian / Colecção Santos Simões.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

trabalhos de análise mais fina, a nível do inventário, acondicionamento, digitalização e transcrição documental realizados ao longo dos três anos, conforme estipulado nas “tarefas” da candidatura.²

Em paralelo, a equipa de historiadores de arte do projeto foi trabalhando os temas distribuídos, a fim de analisar, em contexto histórico, tal material e de aferir o grau de ineditismo dos textos deixados por publicar pelo autor da obra.³

II – FORTUNA CRÍTICA DAS MONOGRAFIAS COMPLEMENTARES

A data de 1957 marca o início das ligações de trabalho entre o Eng. João Miguel dos Santos Simões e a Fundação Calouste Gulbenkian.⁴ No arquivo

² Deve-se ao Prof. Doutor Paulo J. Leitão da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian a ideia de associar ao projeto uma Biblioteca Digital de forma a assegurar uma eficaz disseminação dos conteúdos do espólio. O espólio de Santos Simões pertencente à Fundação Calouste Gulbenkian (doravante designado como Coleção Santos Simões), foi transferido do Serviço de Belas Artes para a Biblioteca de Arte em 2001. Para o Projeto *Biblioteca DigiTile* especificamente os trabalhos de inventário, catalogação e descrição bibliográfica estiveram a cargo da Dr.^a Ana Caldeira, sob responsabilidade da Dr.^a Eunice Pinto. Os trabalhos de acondicionamento estiveram a cargo da Dr.^a Constança Rosa sob a responsabilidade do Dr. Jorge Resende. Para a transcrição documental, contámos com o apoio do Dr. Álvaro Tição, Dr.^a Maria Catarina Figueiredo, Dr.^a Cristina Carvalho, Prof.^a Doutora Maria João Pereira Coutinho, Prof.^a Doutora Sílvia Ferreira e Dr.^a Teresa Pimenta Peralta.

³ De uma forma mais aprofundada, a equipa dedicou a cada tema um texto, analisando-os em relação à forma e ao conteúdo. Cf. nesta Biblioteca Digital com os trabalhos de Álvaro Tição, Fernando M. Peixoto e Margarida Bastos (Registos de Azulejos); Ana Paula Rebelo Correia e Miguel de Seixas Metelo (Azulejaria Heráldica), Teresa Pimenta Peralta (Frontais de Altar), Pedro Flor, Maria João Pereira Coutinho e Sílvia Ferreira (Iconografia de Lisboa em Azulejos); Susana Varela Flor (Manual de Azulejaria). Outros artigos foram escritos sobre matérias não candidatas: O Convento dos Cardais (Maria Catarina Figueiredo). A Gramática Ornamental não tem texto associado, tendo sido digitalizadas as aguarelas executadas pelo pintor Emílio Guerra a quem fizemos uma entrevista no âmbito do projeto *Biblioteca DigiTile*. Apenas existe em todo o espólio uma lista pequena sobre o tema: cf. Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Painéis Ornamentais do Século XVI-XVII”, EMD001.404

⁴ Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian Carta de Santos Simões dirigida ao Presidente do Conselho de Administração da F.C.G., José de Azeredo Perdigão, datada de 25/01/1957



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

desta instituição permanece toda a correspondência trocada entre o Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian - Dr. José Azeredo Perdigão – e o autor do *Corpus da Azulejaria Portuguesa*. A ideia inicial de Santos Simões, naquele ano de 1957, não foi o de publicar obra tão monumental, como o *Corpus da Azulejaria Portuguesa*. Este facto poderá ser comprovado pela leitura do “Plano Geral” que acompanhou a primeira proposta editorial designada como “A Arte do Azulejo em Portugal”. A trabalhar em património azulejar desde o final da década de 30 do século XX, Santos Simões sentia que era chegada a hora de:

“uma publicação que abarque, no seu conjunto, o que foi a arte do azulejo em Portugal. [Esta] é não só necessária como oportuna. Necessária porque, indiscutivelmente, a cerâmica decorativa teve neste país uma tal importância e um tal desenvolvimento que mal parece não existir ainda na bibliografia artística portuguesa uma obra que possa oferecer a visão panorâmica e evolutiva desse movimento, atingindo por vezes valor artístico considerável. Oportuna porque é tempo de se oferecer ao estudioso e ao artista moderno os elementos indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados à azulejaria e ajudá-los a prosseguir no trilho, que se anuncia, de ressurgimento desta tão portuguesa modalidade decorativa. Oportuna ainda porque ela poderá justificar a reivindicação de personalidade artística para o azulejo, relegado até aqui para papel secundário e só anedoticamente considerado como produto cerâmico.”⁵

A necessidade do autor sistematizar a informação compulsada há cerca de vinte anos fazia-se sentir já no início da década de 40, facto que se pode confirmar em carta endereçada a Nuno Cardoso:

⁵ Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “A Arte do Azulejo em Portugal - Plano para um estudo geral”, EMD001. 413 [Janeiro de 1957].



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

“O trabalho que preparo tentará ser uma obra total de inventariação e crítica, com fartas indicações bibliográficas tanto nacionais como estrangeiras e um repositório de reproduções bastante para ilustrar os vários tipos de decoração cerâmica portuguesa.”⁶

No entanto, a forma como Santos Simões se propunha a veicular os estudos sobre Azulejaria foi rapidamente alterada após reunião tida com o Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. A partir desta, transformou-se a publicação da referida obra monográfica – *Arte do Azulejo em Portugal* - na edição de um “*Corpus da Azulejaria Portuguesa*”,⁷ aplicando ao estudo azulejar o que Caetano Ballardini havia feito para a majólica Italiana e Jean Helbig para a arte do vitral, exemplos aos quais o autor não deixou de prestar o devido reconhecimento.⁸

Em texto inédito datado de 1958, integrado na coleção da Biblioteca de Arte, Santos Simões justifica esta opção:

“O estudo de conjunto da arte do azulejo em Portugal e a sua **apresentação em moldes dignos e sérios** só será possível quando se encontrem reunidos os elementos analíticos, se não na sua absoluta totalidade, pelo menos no maior número possível. **Se para uma síntese com intuítos de divulgação bastam já os ensinamentos que se podem colher da Bibliografia existente, é forçoso admitir que eles são insuficientes** para a documentação dessa espantosa actividade artística que foi a decoração cerâmica em Portugal, que se torna urgente valorizar e proteger.

⁶ Museu Nacional do Azulejo, *Fundo JMSS*, “Carta de Santos Simões a Nuno Cardoso”, Lisboa, 1944. Doação de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Eng. Fernando Ferreira Real.

⁷ Na carta dirigida ao Dr. Azeredo Perdigão, Santos Simões termina com a ideia implícita da constituição de um *corpus*: “*Mais do que um “livro de arte” pretende ser um livro “para a Arte” e para os estudiosos reunindo num “corpus” homogéneo o muito que se encontra desconexo e disperso*” Cf. Carta de Santos Simões dirigida ao Presidente do Conselho de Administração da F.C.G., José de Azeredo Perdigão, datada de 25/01/1957.

⁸ João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 13.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

O esquema geral da evolução da azulejaria portuguesa nas suas formas e aplicações não basta, quanto a mim, para preencher a necessidade de uma análise mais profunda a qual está hoje na base de todos os trabalhos de historiografia artística.

É principalmente como modalidade de arte decorativa que o azulejo tem que ser considerado pois que foi como tal que ele se diferenciou em Portugal onde atingiu aspectos que transcendem a simples curiosidade.

O Corpus da Azulejaria Portuguesa pretende dar a conhecer essa riqueza quasi insuspeitada, revelando-a em extensão e analisando-a criticamente, não no seu conjunto panorâmico mas nas espécies individualizadas consoante a sua função decorativa.”⁹

Do texto supra citado sobressai uma tomada de posição firme na maneira como a Azulejaria deveria ser valorizada: através de uma “análise mais profunda” em contexto histórico-crítico e na reivindicação de património diferenciador na forma como foi aplicada nas estruturas arquitectónicas.

Santos Simões condenava as abordagens generalistas e o inventário por si só, exigindo uma avaliação multidisciplinar e em extensão. O contexto histórico para esta imposição metodológica impunha-se com a publicação da “Arte do Azulejo em Portugal” por Reynaldo dos Santos, considerada por Santos Simões como “leviana”.¹⁰

⁹ Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Corpus da Azulejaria Portuguesa”, EMD001.218, [30.XII.1958].

¹⁰ Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, “Carta de Santos Simões dirigida ao Padre Júlio da Rosa”, Angústias, Horta (Ilha do Faial), datada de 19.01.1959
“Não existe, infelizmente, uma obra simultaneamente acessível e digna de crédito no que respeita ao azulejo. Há muitos estudos dispersos – de Joaquim de Vasconcelos, de José Queiroz, de Vergílio Correia e de outros – e apenas uma obra de conjunto e que pretende ser uma síntese geral: é o recente livro do Prof. Reinaldo dos Santos, “O Azulejo em Portugal”, **obra cara e que é necessário ler com cuidado pois não poucas asserções são, pelo menos, levianas...** . É no entanto uma obra de indiscutível utilidade pois é profusamente ilustrada”



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Em texto inédito pertencente ao espólio do Museu Nacional do Azulejo, a propósito das “Listas de azulejos datados” o futuro coordenador da Brigada de Estudos de Azulejaria desabafa:

*“a pág. 154 do seu livro - O Azulejo em Portugal – , o Autor [Reinaldo dos Santos] começa a publicação de uma lista de azulejos datados, esclarecendo antes que os mesmos foram colhidos na bibliografia do assunto ou “revelados pelos espécimes estudados podendo assim elevar a cerca de duzentos números a cronologia do azulejo nacional”. (...) A lista agora publicada pelo Sr. Dr. Reinaldo dos Santos contem exactamente 208 datas (...). Escrevendo acima que algumas das datas foram colhidas na bibliografia da especialidade (...). Assim de Joaquim de Vasconcelos cita 4, de José Queiroz 27, de Vergílio Correia 5, do signatário 3, da colecção Vilhena 19, de Matos Sequeira 1, ou seja um total de 59 datas que foi encontrar na bibliografia do assunto (...). É no entanto estranho que S. Exc.^a faça referência na mesma página 154 a “uma centena de balizas (azulejos datados) já publicados” e que só indique a proveniência de 40 (...). Dentro dos preceitos usados, parece que V^a Exc.^a - já que se propõe a assinalar os cronogramas com as iniciais dos seus reveladores, ou pelo menos das fontes bibliográficas onde os colheu, - **deveria ser mais rigoroso a apontar a tal centena.**”¹¹*

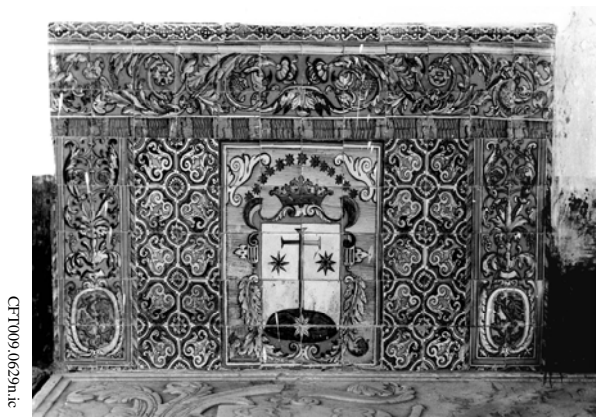
Após o entendimento do contexto no qual surge a necessidade de publicar uma obra de maior fôlego sobre Azulejaria portuguesa, percebemos melhor a razão pela qual a fortuna crítica das Monografias Complementares começa justamente com o texto escrito em 1958, a data oficial das relações laborais estabelecidas entre o Engenheiro e a Fundação Calouste Gulbenkian.¹²

¹¹ Museu Nacional do Azulejo, *Fundo JMSS*, “Breve comentário à lista de azulejos datados publicada pelo Sr. Dr. Reinaldo dos Santos no Livro “Azulejos em Portugal” Do62. Doação de Maria João Santos Simões Ferreira Real e Eng. Fernando Ferreira Real.

¹² Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “Corpus da Azulejaria Portuguesa”, EMD001.218, [30.XII.1958].



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.



De inestimável valor para o tema em análise, Santos Simões acrescentou ao documento de 1958 a informação que, para publicação imediata, estariam em preparação os temas: “Painéis Hagiográficos (Registos)”; “Frontais de Altar”; “Aplicações menores (azulejos de desenho avulso, azulejos ornamentais de série, escadarias, cozinhas)”. Para um futuro próximo estaria nos seus planos a edição das obras monográficas intituladas “Azulejos de padrão (século XVII) – Protótipo e aplicações em edificações religiosas e civis”; “Aplicações monumentais (princípio do séc. XVIII) – Os Oliveira Bernardes e os seus imediatos continuadores”; “Azulejaria Figurada dos séc. XVI e XVII – Aplicações em edifícios religiosos e civis”; “A decoração azulejar do séc. XVIII”; “A Azulejaria em Jardins, Fachadas e exterior.”¹³

Firme na sua convicção em estudar a Azulejaria em Portugal, de modo organizado, Santos Simões estruturou cuidadosamente o *Corpus da Azulejaria em Portugal* criando, em simultâneo, a Brigada de Estudos de Azulejaria.¹⁴

¹³ Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Corpus da Azulejaria Portuguesa”, EMD001.218, [30.XII.1958]. No final do texto lê-se ainda: “*todos os estudos incidem sobre a azulejaria portuguesa, não só do Continente como ainda a das Ilhas e do Brasil. Prevejo ainda um volume final de índices remissivos aos estudos monográficos com o qual ficará completado o corpus.*”

¹⁴ Cf. Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, “Corpus do Azulejo Português organizado pela Brigada de Estudos de Azulejaria, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, dirigida por J. M. dos Santos Simões”, Lisboa, 26 de Fevereiro de 1960.

Cf. Alexandra Gago da CÂMARA, “A Brigada de Estudos de Azulejaria. A génese de um inventário do Azulejo em Portugal” in *João Miguel dos Santos Simões (1907-1972) – exposição evocativa do centenário do nascimento*, Lisboa, MC/Mnaz, 2007, pp. 145-154.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Com efeito, pela documentação existente no Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, sabemos que, a 26 de Janeiro de 1960, Santos Simões apresentou o esquema geral do *Corpus da Azulejaria Portuguesa*, informação valiosa a que não se tem dado a devida importância.¹⁵ Comparando com o texto de 1958, verificamos que no de 1960 há um cuidado em definir melhor o que são as monografias complementares, a que chamou à época de estudos monográficos:

*“os Estudos Monográficos, locais ou regionais, constituirão outras tantas fontes para o Corpus, já que não seria possível fazer incluir nestes os estudos pormenorizados e eminentemente descritivos. Eles serão como que os elementos de análise sobre a qual será possível fazer a síntese do Corpus.”*¹⁶

Enquanto em 1958, Santos Simões previa oito publicações complementares, dois anos depois acrescentou mais dez títulos à listagem. Assim, para publicação imediata avançava com quatro temas – “Azulejaria Portuguesa na Madeira”; “Azulejaria Portuguesa no Brasil”; “Azulejaria

¹⁵ Aqui é definido que “ o *Corpus do Azulejo Português* é um conjunto de publicações que pretende condensar os estudos históricos, técnicos e críticos sobre a arte do azulejo em Portugal, considerando-a como a mais característica manifestação de arte decorativa deste país. Para levar a bom termo tal empresa, que pela sua natureza e amplitude, excede as possibilidades e capacidades de um indivíduo é criada uma “equipe” ou BRIGADA DE ESTUDOS, a qual sob a direcção e orientação do signatário procederá aos trabalhos de rastreio, colheita de fotografias e outros elementos informativos, ordenação e arquivo, desenho etc com vista à publicação de: a) – Estudos Monográficos e b) – do “*Corpus*” propriamente dito.” Cf. Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, “Corpus do Azulejo Português organizado pela Brigada de Estudos de Azulejaria, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, dirigida por J. M. dos Santos Simões”, Lisboa, 26 de Fevereiro de 1960.

¹⁶ Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, “Corpus do Azulejo Português organizado pela Brigada de Estudos de Azulejaria, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, dirigida por J. M. dos Santos Simões”, Lisboa, 26 de Fevereiro de 1960.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Portuguesa no Algarve” e “Azulejaria Portuguesa em Olivença”. Para os anos seguintes, planeava as seguintes monografias: “Azulejaria Portuguesa Registos Hagiográficos”; “Azulejaria Portuguesa Padrões Seiscentistas”; “Azulejaria Portuguesa no Baixo Alentejo”; “Azulejaria Portuguesa Frontais de Altar”; “Azulejaria Portuguesa nos Distritos de Évora e Portalegre”, “Azulejaria Portuguesa Porteiros e Jardins”; “Azulejaria Portuguesa na Península de Setúbal”; “Azulejaria Portuguesa na Estremadura e Ribatejo”; “Azulejaria Portuguesa nas Beiras”; “Azulejaria Portuguesa entre Douro e Minho e Trás-os-Montes”; “Azulejaria Portuguesa Brazonário”; “Azulejaria Portuguesa nos Açores”; “Azulejaria Portuguesa Moderna”; “Azulejaria Portuguesa de Lisboa e seu termo”.

Neste rol de dezoito obras, registe-se a continuidade de temas como as dos “Registos Hagiográficos”, “Frontais de Altar”, “Azulejos de Padrão do século XVII” e a introdução de temas como a “Azulejaria Portuguesa Brasonária” e “Azulejaria Portuguesa Moderna”, para além dos volumes mais dedicados à temática da azulejaria “regionalista”.

Para o coordenador da Brigada de Estudos de Azulejaria, “*a publicação das monografias permite uma mais rápida realização e tornará o conjunto da obra mais económica. Serão amplamente ilustradas o que vai aliviar o corpus propriamente dito desse encargo. Neste apenas se darão representações de protótipos, remetendo o leitor para as monografias quando as haja.*”¹⁷

Ciente da extensão e complexidade do trabalho, Santos Simões previa o desenvolvimento deste trabalho em contextos mais alargados no domínio da

¹⁷ Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, “Corpus do Azulejo Português organizado pela Brigada de Estudos de Azulejaria, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, dirigida por J. M.dos Santos Simões”, Lisboa, 26 de Fevereiro de 1960.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

investigação. Relembremos aqui os projetos de criação de um centro de estudo de azulejaria e cerâmica, junto das várias instituições a que esteve ligado.¹⁸

Três anos mais tarde, voltamos a ter notícia das monografias complementares através do prefácio escrito pelo Dr. Azeredo Perdigão no primeiro volume do *Corpus da Azulejaria Portuguesa* (1963). A obra seria dividida em duas partes: “*uma o “Corpus” propriamente dito e outra constituída por uma série de monografias complementares*”¹⁹ ou monográficas, a saber: “Azulejaria Portuguesa-Brasonária; “Azulejaria Portuguesa-Frontais de Altar”; “Azulejaria Portuguesa-Porteiros e Jardins” e, por último, “Azulejaria Portuguesa-Padrões Seiscentistas”.

Por um lado, pelo memorando do Presidente, entendemos que as monografias complementares seriam destinadas ao grande público “*em que se focarão vários aspectos ou problemas da azulejaria portuguesa que não é possível dar in extenso nos volumes do “Corpus” propriamente dito.*”

Por outro lado, registre-se que das listas de 1958 e de 1960 são comuns os temas sobre “Registos de Azulejos ou Hagiográficos”; “Frontais de Altar de Azulejos”, “Padrões Seiscentistas” na forma de um mostruário de Azulejaria para

¹⁸ Susana Varela FLOR, “Centro de Estudos de Azulejaria. Um projecto no pensamento de João Miguel dos Santos Simões” in *João Miguel dos Santos Simões (1907-1972) – exposição evocativa do centenário do nascimento*, Lisboa, MC/Mnaz, 2007, pp. 119-126.

¹⁹ Azeredo PERDIGÃO, “Prefácio” in *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, João Miguel dos SANTOS SIMÕES (ed.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963, p. IX. No plano de 1957, Santos Simões previa para o *Corpus* três volumes: I – O Azulejo em Portugal (desde o século XV ao XIX); 2º Volume – Inventário ou repertório de núcleos azulejares em Portugal, Açores e Madeira; Províncias Ultramarinas e Brasil; 3º Volume – Ilustrações. No plano apresentado ao Dr. Azeredo Perdigão o *Corpus* já contempla 5 volumes, tendo os conteúdos do primeiro volume sido desdobrados no volume II (Azulejaria em Portugal no século XV - XVII) e no volume III (Azulejaria em Portugal no século XVIII e XIX). O quarto volume ficaria reservado a Azulejaria Portuguesa no Brasil aumentando em extensão esta matéria que na Planificação de 1957 estava a par dos Açores, Madeira e Províncias Ultramarinas. Para o 5º volume do Plano de 1960 Santos Simões reservou Elencos, Índices e Bibliografia.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

tapetes. É recuperado, da lista de 1958, o tema “A Azulejaria em Jardins, Fachadas e exterior”, com o desenvolvimento de exemplos do Brasil. A “Azulejaria Portuguesa-Brasonário” mantém-se mudando para a designação de Azulejos armoreados.



Três obras desapareceram dos primitivos planos de intenções sobre as monografias complementares: “Aplicações monumentais (princípio do séc. XVIII) – Os Oliveira Bernardes e os seus imediatos continuadores”; “Azulejaria Figurada dos séc. XVI e XVII – Aplicações em edifícios religiosos e civis” e “A decoração azulejar do séc. XVIII”, passando as últimas para o *Corpus*.

Através da escrita de Azeredo Perdigão, Santos Simões informa-nos das razões destas alterações tanto na edição das monografias complementares como no *Corpus*: “Ao longo dos últimos quatro anos o plano sofreu algumas alterações, ditadas, não só pela natureza do trabalho, como pela extensão das áreas prospectadas, abundância dos materiais recolhidos e conseqüente revisão dos critérios da sua apresentação. Reconheceu-se, também, que na sequência dos volumes a publicar não era possível, sem que daí resultassem atrasos inconvenientes, seguir qualquer



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

*ordem cronológica ou geográfica e antes que as diversas partes do conjunto deveriam ser editadas à medida que terminassem os competentes estudos.*²⁰

Nesse mesmo ano de 1963 Santos Simões anunciava em *Memorial* que o trabalho da Brigada se deveria transformar em “Centro de Estudos”.²¹

Seis anos depois deste Prefácio e em jeito de balanço de doze anos como coordenador da Brigada de Estudos de Azulejaria, o autor, na Introdução à obra publicada - *Azulejaria em Portugal nos Séculos XV e XVI*, fazia um breve relatório das suas atividades e partilhava as dificuldades de estruturar um programa de publicações: “*O problema de estruturar um programa de publicações, tendo como tema a “Azulejaria Portuguesa”, procurando aproveitar ao máximo o material recolhido ao longo de mais de vinte e cinco anos de trabalho e pesquisas, incrementadas nos últimos oito anos com o rastreio sistemático da Brigada de Estudos de Azulejaria, foi preocupação constante do responsável pela obra. Longe de ser encontrada a solução óptima apresenta-se agora um plano de sequência, no qual se procuram conciliar a sistematização cronológica e as características tipológicas dos grandes evolutivos.*”²²

Para além de reorganizar a sequência de publicações do *Corpus*,²³ Santos Simões expunha nova lista de edições de Monografias Complementares ou Estudos Temáticos Complementares, assim designados em 1969. Desta

²⁰ Azeredo PERDIGÃO, “Prefácio” in *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, João Miguel dos SANTOS SIMÕES (ed.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963, p. X.

²¹ Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, Nº 64/Pr./68.

²² João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 14.

²³ De acordo com a Administração da Fundação Calouste Gulbenkian estabeleceu-se o plano de publicações com as seguintes previsões: IV volume – “Azulejaria Portuguesa do século XVII”; V volume – “Azulejaria Portuguesa de 1690 a 1750”; VI volume – “Azulejaria Portuguesa de 1750 a 1808”; VII volume – “Azulejaria Portuguesa – Elenco Geral, Dicionário de Artistas, Índice, Documentos”.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

forma, mantinham-se os “Painéis (Registos) Devocionais em Azulejo” e os “Azulejos Armoriados”. São recuperados, da lista de 1958, os temas “Os mestres Pintores de Azulejos do século XVIII”, a “Gramática Ornamental da Azulejaria Portuguesa do século XVIII” e a “Temática Figurativa da Azulejaria Portuguesa”. Pela primeira vez, surgiu o tema “Iconografia Olisiponense em Azulejos”, embora seja de ressalvar que toda a documentação pertencente a este núcleo esteja balizada entre os anos de 1963-1969.²⁴

Neste prefácio esclarece-nos ainda que, ao estruturar o *Corpus*, a intenção era a de publicar “volumes genéricos, intercalando-se consoante os temas e cronologias” com as monografias complementares.²⁵



No entanto, o ano de 1969 veio a revelar-se decisivo no esquema integral de publicações do “*Corpus da Azulejaria Cerâmica*” com o anúncio da extinção da Brigada de Estudos de Azulejaria. Reagindo a este facto, Santos Simões apresentou em finais de Março desse ano uma proposta de reestruturação, na qual refere: “*Quanto às monografias complementares foi resolvido incluir no primeiro tomo [do Corpus] (tipologia) o estudo sobre os **Frontais de Altar de Azulejo** evitando assim duplicação e redundâncias. O trabalho sobre **Iconografia Olisiponense em***

²⁴ A iconografia Olisiponense em Azulejo estava pensada para 1963, pois é essa a data do frontispício. Arquivo da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, *Coleção Santos Simões*, Esquízo do Frontispício do Livro: “Azulejos lisboetas na Ordem Terceira de S. Francisco”, EMD001.421 [1963].

²⁵ João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 14.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

azulejo está de há muito praticamente completo, sendo apenas necessário uma revisão e actualização. O estudo sobre **registos devocionais** está também praticamente completo, mas igualmente possível de revisões e redacção dum prefácio introdutório. Devo dizer que dispomos de material bastante para logo que concluído este próximo volume do *Corpus* se possa dar forma ao último volume previsto – *Azulejaria Portuguesa do século XVIII* – o qual julgamos ser necessário sub dividir em dois ou três tomos.”²⁶

Em esquema apresentado surge-nos, em primeiro lugar, a obra que para Santos Simões estava em fase mais adiantada - “Iconografia Olisiponense em Azulejos: Os painéis de Lisboa, da Ordem terceira de São Francisco do Salvador da Baía” (Maio de 1969); seguida das restantes, a saber: o segundo volume de “Carreaux Ceramiques Hollandais - Nouveaux apports au Portugal, Azores et Brésil” (Julho de 1969); “Registos Devocionais em Azulejos” sob forma de elenco ilustrado (Novembro de 1969); “Frontais de altar de azulejos” sob forma de elenco comentado (Novembro de 1969); “Azulejos Armoriados” sob forma de elenco comentado (Março de 1970); “Gramática Ornamental de Azulejaria Portuguesa do Século XVIII” sob forma de álbum de aguarelas comentado (periodicidade a estabelecer em Janeiro de 1970 para publicação até Dezembro de 1972); “Temática figurativa da Azulejaria Portuguesa do Século XVIII” apresentado com fotografias e reproduções de gravuras (Periodicidade a estabelecer em Janeiro de 1970 para publicação até Dezembro de 1972); “Os Grandes pintores de Azulejos do Século XVIII - Gabriel del Barco, António

²⁶ Arquivo Fundação Calouste Gulbenkian, “Proposta quanto à reestruturação da Brigada de Estudos de Azulejaria” Texto de Santos Simões, 31 de Março de 1969.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Pereira, Oliveira Bernardes. Estudo das suas obras” sob a forma de Elenco com fotografias (periodicidade a estabelecer em Janeiro de 1970 para publicação até Dezembro de 1972).

Saliente-se ainda que o Manual de Azulejaria (previsto para Agosto de 1969) estava integrado no conjunto de publicações originais do *Corpus* e não nas monografias complementares.²⁷

Apesar destas diligências, a extinção da Brigada de Estudos de Azulejaria constituiu facto assente para a Direção da FCG, decisão que obrigou a uma reformulação do calendário de publicações.

Pela análise da documentação do Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, produzida ao longo desse ano de 1969, somos informados da existência de várias versões relativas aos volumes e datas editoriais a cumprir.²⁸ Da imensa plêiade informativa, interessa-nos ressaltar as informações colhidas da leitura dos relatórios feitos pelo Diretor do Serviço de Belas Artes, o Prof. Doutor Artur Nobre de Gusmão, referentes às monografias complementares: “*Quanto às publicações complementares do “corpus” são elas em número de oito parecendo estar algumas já praticamente prontas aguardando publicação. Os respectivos títulos e prazos virão indicados em anexo, assim como alguns prazos da respectiva entrega que o Eng. Santos Simões concretamente indicou.*”²⁹ Os anexos aos relatórios são também importantes, nomeadamente uma descrição relativa aos volumes a publicar na coleção *Corpus da Azulejaria*

²⁷ Arquivo Fundação Calouste Gulbenkian, “Proposta quanto à reestruturação da Brigada de Estudos de Azulejaria” Texto de Santos Simões, 31 de Março de 1969.

²⁸ Carta de Santos Simões dirigida ao Presidente do Conselho de Administração da F.C.G., José de Azeredo Perdigão, datada de 25/01/1957

²⁹ Carta de Santos Simões dirigida ao Presidente do Conselho de Administração da F.C.G., José de Azeredo Perdigão, datada de 25/01/1957



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Portuguesa, na qual se contam catorze obras³⁰, a que se aduzem mais três, representadas em organograma, correspondentes às obras Vol. I “Carreaux Céramiques Hollandais”, (com a indicação: já publicado e de novo reeditado); vol. II “Carreaux Céramiques Hollandais – nouveaux apports au Portugal, Azores et Brésil” (com a indicação: a publicar) e “Manual de Azulejaria”.



CT1009_2467:ic

No balanço final da fortuna crítica das monografias complementares podemos afirmar que, para publicação do tema “Azulejaria Portuguesa” pela Fundação Calouste Gulbenkian, sob orientação do Eng. Santos Simões, estariam

previstos um total de dezoito volumes, a contar com a reedição do primeiro volume da obra “Carreaux Céramiques Hollandais”.

³⁰ a saber: I “Azulejaria nos Açores e na Madeira” (já publicado); II “Azulejaria Portuguesa no Brasil” (já publicado); III “Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI” (a sair a 30 de Abril de 1969); IV “Azulejaria Portuguesa do século XVII” (a sair a 30 de Novembro de 1969); V “Azulejaria Portuguesa de 1690 a 1750” (prazo a precisar após a entrega do IV volume); VI “Frontais de Altar” (a sair em 30 de Março de 1970); VII “Azulejos Armoados” (a sair em 31 de Março de 1970); VIII “Iconografia Olisiponense em Azulejo” (a sair a 30 de Novembro de 1969); IX “Os grandes pintores de azulejo: Gabriel del Barco e Oliveira Bernardes”; (a sair a 30 de Novembro de 1969); X “Gramática Ornamental da Azulejaria Portuguesa do Século XVIII” (periodicidade a estabelecer após a entrega do IV volume); XI “Temática Figurativa da Azulejaria Portuguesa e as suas fontes iconográficas” (periodicidade a estabelecer após a entrega do IV volume); XII “Azulejaria Portuguesa de 1750 a 1808 – Azulejaria “Pombalina” e D. Maria I – Elenco” (prazo a precisar após a entrega do IV volume); XIII “Registos Devocionais em Azulejo” (periodicidade a estabelecer após a entrega do IV volume) e, por último, XIV “Elenco Geral. Dicionário de Artistas. Índice de azulejos datados. Documentos” (prazo a precisar após a entrega do IV volume) Cf. Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, “Correspondência diversa”, Doc. 8.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Ao todo, só conheceram edição pela Fundação Calouste Gulbenkian cinco volumes, dos quais quatro correspondem a previsões de publicação do *Corpus*³¹ e o quinto volume pertence ao plano das Monografias Complementares. No entanto, em 1963, esta obra fora assumida como a primeira do *Corpus*, ou seja, a Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira.

A apresentação destes números face à realidade (cinco livros publicados contra treze por publicar) não nos deverá desmoralizar, quando pensamos que uma substancial parte da investigação de Santos Simões foi recolhida, analisada e passada à escrita ao longo dos treze anos (1957-1970) dedicados à publicação do *Corpus da Azulejaria Portuguesa* e que está disponível nesta Biblioteca DigiTile para consulta da comunidade científica.³²

Terminamos este texto com uma frase que consideramos exemplar para definir o legado que Santos Simões deixou na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, realçando a confiança nos jovens investigadores e o seu optimismo quanto ao futuro:

*“A publicação das monografias permite uma mais rápida realização e tornará o conjunto da obra mais económica. Serão amplamente ilustradas o que vai aliviar o corpus propriamente dito desse encargo. Neste apenas se darão representações de protótipos, remetendo o leitor para as monografias quando as haja. As monografias poderão ser entregues a membros da Brigada ou até a estudantes das Escolas de Belas Artes ou das Faculdades de Letras que terão assim a oportunidade de se revelarem **orientados sempre pelo Director do Corpus que saberá crear**”*

³¹ A obra “Carreaux Céramiques Hollandais au Portugal et en Espagne” patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian, mas editada pela Martinus Nijhoff, surge sempre representada em Gráfico à parte.

³² Consideramos as datas de 1957-1970. A primeira está relacionada com a apresentação do texto “Arte do Azulejo em Portugal – Plano para um Estudo Geral”, elaborado em Janeiro de 1957 e entregue ao Dr. José de Azeredo Perdigão nesse mesmo mês e a segunda com a data da cessação das suas funções enquanto coordenador da Brigada.



Susana Varela FLOR, “Entre o previsto e o concretizado: as monografias complementares do *Corpus* e a investigação de Azulejaria e Cerâmica na Biblioteca DigiTile” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

pouco a pouco uma escola de investigadores e que serão a garantia da continuidade da obra.”³³

³³ Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, “Corpus do Azulejo Português organizado pela Brigada de Estudos de Azulejaria, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian dirigida por João Miguel dos Santos Simões”, Lisboa, 26 de Fevereiro de 1960.